



"Perspectivas em Linguística Aplicada no século XXI: dos diálogos possíveis aos novos desafios"

Anais do IV Fórum de Linguística Aplicada e Ensino de Línguas

29, 30 e 31 de outubro de 2014
Universidade Federal do Ceará

ORGANIZAÇÃO DOS ANAIS
Eulália Vera Lúcia Fraga Leurquin
Meire Celedônio da Silva
Maria Valdênia Falcão do Nascimento

REALIZAÇÃO:



GEPLA

Grupo de Estudos e Pesquisas em Linguística Aplicada

APOIO:



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca de Ciências Humanas

IV Fórum de Linguística Aplicada e Ensino de Línguas: Perspectivas em Linguística Aplicada no Século XXI: os diálogos possíveis aos novos desafios.

Anais do IV Fórum de Linguística Aplicada e Ensino de Línguas, Universidade Federal do Ceará, 29, 30 e 31 de outubro de 2014 / organizado por Eulália Vera Fraga Leurquin, Meire Celedônio da Silva e Maria Valdênia Falcão do Nascimento. [Fortaleza]: UFC, GEPLA, 2014.

ISSN 24482587

1. Ensino e aprendizagem. 2. Identidade e representações. 3. Linguagem e tecnologias. 4. Formação dos professores. 5. Linguística cognitiva. 6. Multiletramentos. 7. Formação de professores de línguas. I. Título.

CDD 410.63

POR UMA LINGUÍSTICA DA CIDADANIA: O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA NO CONTEXTO DA COMUNICAÇÃO DIGITAL – UMA EXPERIÊNCIA NA UFSB

Anne Greice Soares Ribeiro Macedo (UFSB)
anne.macedo@yahoo.com.br

RESUMO

O artigo procura evidenciar uma proposta de ensino da língua portuguesa no contexto da comunicação digital. Tal proposta privilegia o funcionamento da linguagem sob o aspecto textual-interativo, contemplando tanto a modalidade oral como a escrita, e compreende a língua como um conjunto de práticas enunciativas, apoiando-se no pensamento de Bakhtin/Voloshinov que entendem a comunicação humana como um conjunto de práticas sociais, cognitivas e discursivas que contempla mais que a estrutura, alcançando também o funcionamento social, cognitivo e histórico. Juntam-se à reflexão, numa configuração pós-moderna e de comunicação generalizada, os conceitos de inteligência coletiva (Pierre Levy) - resultante da integração no ciberespaço que possibilita a emancipação humana graças a um maior acesso a informações – e de multidão (Antonio Negri e Michael Hardt), não como caos, mas como um movimento que gera a energia do *comum*, produzindo um conjunto de conhecimentos a ser partilhado. Assim, considerando o contexto da comunicação digital e toda a interatividade que ela proporciona, o ensino não pode se omitir em relação a esta transformação tecnológica, sob pena de ficar à margem destes novos usos linguísticos, novos letramentos culturais/digitais que cada vez mais estão presentes na vida das pessoas.

Palavras-chave: letramentos - comunicação digital – língua portuguesa –inteligência coletiva- energia do comum

Introdução

Este artigo procura evidenciar uma proposta de ensino da língua portuguesa no contexto da comunicação digital. Esta proposta privilegia o funcionamento da linguagem sob o aspecto textual-interativo, contemplando tanto a modalidade oral como a escrita, e compreende a língua como um conjunto de práticas enunciativas, apoiando-se no pensamento de Bakhtin/Voloshinov (1979, p.107) que entendem a comunicação humana como um conjunto de práticas sociais, cognitivas e discursivas que contempla mais que a estrutura, alcançando também o funcionamento social, cognitivo e histórico.

Trata-se de uma concepção dialógica da linguagem, ou seja, a comunicação é sempre de alguém para alguém. Assim, considerando o contexto da comunicação digital e toda a interatividade que ela proporciona, o ensino não pode se omitir em relação a esta transformação tecnológica, sob pena de ficar à margem destes novos usos linguísticos, novos letramentos culturais/digitais que cada vez mais estão presentes na vida de todas as pessoas e mais ainda dos jovens estudantes, que são os chamados nativos digitais.

A escola deve estar apta a trabalhar com e nesse novo contexto tecnológico, possibilitando aos estudantes o instrumental necessário à preparação dos seus discursos, e desenvolvendo uma visão crítica acerca dos discursos que permeiam o cotidiano. Adotando uma postura pragmática, o ensino de língua pretende conferir maior eficiência à prática discursiva (leitura e escrita), tornando-a eficiente para atuar e intervir socialmente. Pensa-se, sobretudo em uma linguística da cidadania, uma linguística política. Nesta perspectiva de letramento a ideia é reduzir, mas não eliminar a importância da gramática, vez que não se pode trabalhar língua sem o sistema. O que se procura evitar é a prescrição gramatical como única finalidade do ensino de linguagem, foco que tem contribuído de forma dramática para a rejeição e insucesso no ensino de língua portuguesa no ensino fundamental e médio, problema que muitos alunos do ensino superior trazem como resultado da sua experiência com um ensino autoritário.

A experiência em questão se consubstancia em modos de letramento que não se resumem apenas ao desenvolvimento de competências individuais, mas se concretizam através de práticas sociais de leitura e escrita em conexão com o contexto, diferentemente da vivência de língua na escola, onde, quase sempre, o letramento se restringe a um processo de aprendizado dos códigos – alfabeto e números – um enfoque autônomo, ou seja, independente do contexto social, vinculado a uma visão neoliberal na qual prevalecem os mecanismos de adaptação da população às necessidades sociais de leitura e escrita.

Diferentemente da vivência de língua na escola, prioriza-se nesta experiência, ao contrário, um modelo que não separa as práticas de letramento das conjunturas culturais e de poder de uma sociedade. Trata-se, portanto, de um letramento político. (ROJO, 2009) Esta perspectiva coincide com a ideia de leitura de Paulo Freire, pois, segundo o educador, ler envolve

uma compreensão crítica do ato de ler, que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto (FREIRE, 2011).

Abordar as práticas de letramento mais recentes implica considerar a multiplicidade de letramentos, considerando aqueles institucionalizados, vinculados a instâncias formais, entre as quais a escola e o trabalho, e dirigidos por figuras detentoras de conhecimento e poder – os professores, os grandes escritores – e aqueles vernaculares que não são controlados por organizações sociais detentoras de poder, mas permeiam as relações sociais, sendo, em geral, desvalorizadas pelas instâncias oficiais difusoras de conhecimento e cultura. Algumas destas formas de letramento restam como práticas culturais de resistência (ROJO, 2009).

É fato que a tecnologia criou novos espaços de leitura, uma nova relação com os processos de escrita, sobretudo a desconstrução da oposição entre fala e escrita, pela profusão de textos mais próximos da fala – mais amigáveis – presentes principalmente nos gêneros eletrônicos. Assim, as pesquisas têm incidido sobre os letramentos vernaculares ou locais e as novas manifestações de leitura e escrita utilizadas. As grandes transformações do mundo contemporâneo, por efeito da globalização e da velocidade e quantidade de informações veiculadas acabaram por criar novas formas de letramento que dessem conta também da multisssemiose ou das muitas formas de produzir sentidos criadas pelas novas possibilidades do texto eletrônico. De um certo modo, as configurações comunicativas atuais acabaram por criar um paradoxo: por um lado a revolução tecnológica criou mais ferramentas e meios de informação; por outro a massificação cultural cria dificuldades para uma leitura crítica do mundo, dada a fluidez e a velocidade das veiculações do meio digital que em muitos casos determinam a fruição através de leituras superficiais (SILVA, 2006).

Na sociedade da informação, a internet tem se revelado um espaço onde se desenvolvem novas possibilidades comunicativas e integrativas, causando impactos na linguagem e nas formas de relacionamento social. É hoje uma ferramenta indispensável tamanha a sua penetração nos modos de ser e de sentir. É claro que parte do fascínio que exerce se dá em função de englobar múltiplas formas de expressão ou linguagens, como o som, o movimento, a imagem. Os gêneros digitais hoje estão disseminados na vida

cotidiana e aproximam pessoas encurtam distância e relativiza o tempo, fazendo parte das rotinas de trabalho e mesmo da vida escolar, criam novos meios de socialização, encontros, grupos fechados, fóruns, redes sociais que propiciam debates, informações e entretenimento. Neste aspecto, a velocidade das mudanças cria situações pelas quais o até pouco tempo atrás indispensável e-mail parece algo superado e engessado, e até o Facebook é preterido pelo Whatsapp, enquanto esperamos pelo próximo veículo de informação e socialização. A velocidade, em absoluto, parece ser a tônica das relações, inclusive textuais, confirmando uma intuição de Italo Calvino, muito antes de internet e celulares serem conhecidos. Em 1985, o autor listou entre os temas para o próximo milênio (este nosso, portanto) leveza, velocidade, exatidão, visibilidade, multiplicidade e coerência – sendo que este último não chegou a ser desenvolvido, o que no fundo é paradigmático. Calvino, portanto, escreve sobre a relação entre a velocidade física e a velocidade mental, pensando na “comunicação imediata que a escrita estabelece entre todas as coisas existentes ou possíveis”, mas alerta sobre o perigo de “achatar toda comunicação convertendo-a numa casca uniforme e homogênea”¹⁰⁷ (CALVINO, 2000, p. 43). Mesmo sem compartilharmos completamente a preocupação de Calvino, a alerta do escritor – que indicava como antídoto a literatura – serve para refletirmos mais ainda sobre a revolução midiática que nos sobrecarrega de palavras, dados, sons e imagens.

A rede é hoje uma forma de se entender o mundo e de nele interagir, mas é, sobretudo, o paradigma das integrações e cooperações determinado pela produção imaterial. Nesse sentido, Luiz Antonio Marcuschi aponta como relevantes três aspectos desses gêneros digitais: o seu franco desenvolvimento e uso cada vez mais generalizado; suas peculiaridades formais e funcionais e a possibilidade que oferecem de se rever conceitos tradicionais, possibilitando rever as relações com a oralidade e a escrita. Estes textos eletrônicos se mostram produtivos para se pensar os impactos das novas tecnologias na linguagem bem como a importância da linguagem nessas tecnologias e nas novas formas de socialização que aproveitam destas leituras e escritas digitais (MARCUSCHI, 2010, p. 15-19).

Parece que estas novas tecnologias estão criando uma nova transformação na cultura, da mesma forma que a introdução da escrita conduziu a uma cultura letrada, a escrita digital também parece estar criando uma cultura digital, com características de

107

. Tradução minha.

escrita muito peculiares.¹⁰⁸ Aliás, o efeito mais perceptível dessas transformações parece ser o da “radicalização do uso da escrita” e nossa sociedade parece tornar-se textualizada, isto é passar para o plano da escrita.”¹⁰⁹ A questão que se coloca então ao ensino de língua portuguesa é sobre como aproveitar as possibilidades dessas novas configurações comunicativas e, ao mesmo tempo, preparar os estudantes para que possam transitar em meios à profusão de discursos eletrônicos e mover-se com segurança nessa imensa teia de informações, dados, encontros, opiniões, políticas.

1. A linguagem na teia pós-moderna

Se as novas tecnologias de comunicação estão se inserindo nas atividades da vida contemporânea, as práticas sociais daí decorrentes demandam comportamentos e raciocínios específicos, daí uma modalidade de letramento a ser explorada e utilizada no ensino de Língua Portuguesa: o letramento digital¹¹⁰.

Tal modalidade promove a capacidade de realizar práticas de leitura e escrita de forma diferente do tradicional letramento, e atua de forma a conferir um acesso ao suporte digital que permite novos usos e manuseios por parte do leitor. A leitura se movimenta de forma mais livre, pois possibilita deslizamentos, cortes, uma profusão de informações que exigem do leitor novas habilidades, diferentes daquelas tradicionais, necessita de mais dinamismo na leitura e capacidade para lidar com a carga de informação, sem abrir mão do princípio fundamental da leitura: a crítica. O leitor não pode ser passivo, mas tem que lidar com as informações de modo cognitivo e sociointeracional, de modo a (autonomamente) construir os sentidos. Os novos meios eletrônicos não estão atingindo a estrutura da língua, mas o seu uso, através de novas formas de textualização, como é o caso, por exemplo, do hipertexto que ressignifica noções como linearidade, estrutura, coesão e coerência.

108

BOLTER (1991) *apud* MARCUSCHI. Op. cit.

109

YATES (2000, p. 233) *apud* MARCUSCHI, idem *ibidem*.

110

Considera-se que a ideia se vincula ao conceito de letramentos múltiplos – multissemiose e multimodalidade e à multiculturalidade, ou seja, a partir das perspectivas de diferentes culturas, com seus gêneros e práticas de leitura. Defende-se, principalmente, a inserção dos letramentos locais e críticos - como forma de resistência à globalização cultural que no pano real massifica os comportamentos humanos, alienando os sujeitos através de uma homogeneização e do esvaziamento das possibilidades de contradição dos centros difusores ocidental, branco, homem, heterossexual.

Por outro lado, com a emergência dessa comunicação mais integrada e veloz, a democratização transforma-se uma possibilidade que se deve tornar real na medida em que mais pessoas estão aptas a moverem-se com competência nesta imensa teia de informação. Amplificam-se, assim, outras vozes, captadas pelo novo ponto de transformação do mundo: a mídia que possibilita a sociedade de comunicação, na qual proliferam informações que implodem o ponto de vista central. A sociedade seria, assim, transparente, todavia de uma transparência nem autêntica, nem iluminada, simplesmente mais complexa, desordenada, mas tal leitura, porém, não comporta nenhum fatalismo, antes a esperança de desatar as pontas, de criar novas possibilidades de convivência. A possibilidade cada vez maior de expressão abre espaço para manifestações de culturas diversas e é a marca mais visível da passagem de uma sociedade moderna a uma organização pós-moderna, na qual a realidade é uma teia de imagens, culturas, interpretações, histórias que, convergindo ou divergindo entre si, emanam da TV, das revistas, da internet... A experiência pós-moderna é a experiência da comunicação generalizada e da pluralidade cultural, é a experiência da oscilação que alcança todos os campos da vida e remete à ideia de trânsito do conhecimento, de circularidade da informação que, entretanto, não desenha um movimento preciso, um movimento circular, mas que se configura num deslocamento em rede, como circuitos interligados, caóticos e monstruosos (VATTIMO, 2007).

Não se pode deixar de pensar também, no contexto da crescente importância do computador e da internet nas atividades de leitura e escrita, que o papel da linguagem torna-se crucial, revelando os elementos linguísticos próprios desse novo meio, por excelência hipertextual. O termo hipertexto foi cunhado em 1960 por Ted Nelson, em um projeto de pesquisa em Harvard e se consubstancia em um conjunto de documentos que podem ser acionados através de *links* e *hiperlinks*, em movimentos e escolhas dirigidos pelo leitor que, ativamente, constrói o seu percurso e organiza a sua leitura.

Nesta perspectiva, a internet cria novas possibilidades capazes de tornar os textos mais criativos, propiciando uma comunicação mais interativa, já que se superam os tradicionais obstáculos de espaço e tempo, para que se efetive a comunicação. Desta forma, a tecnologia digital tem dado imensa contribuição para a formação de uma inteligência coletiva (LEVY, 1999).

Nesse ponto, para enriquecer o quadro no que se refere ao fenômeno da integração comunicativa, parece pertinente trazer à cena também o conceito de multidão

(NEGRI, 2007). A multidão, apesar de proliferar de forma monstruosa¹¹¹, não produz o caos na sociedade, nem reproduz o descontrole de um vírus, mas o seu trabalho gera a energia do *comum* – que constitui um acervo de conhecimentos a ser compartilhado coletivamente.

Entender o significado de multidão requer uma comparação com o conceito de pelo menos outros dois sujeitos sociais, também de âmbito coletivo, mas de naturezas muito diversas: massas e povo. A massa é, certamente, plural, constituída de muitas espécies, mas não é possível dizer que se compõe de diferentes sujeitos sociais, porque ela se caracteriza pela indiferenciação, já que as diversidades desaparecem numa espécie de borrão. As massas se movimentam em uniformidade, e só se movimentam porque formam um conjunto homogêneo, uma constância. A multidão, ao contrário, é multicolor como um arco-íris, variável, preserva as diferenças internas, mas produz um efeito de integração baseado na comunicação que a leva à ação em comum. O povo, ao contrário, afirma-se como uma conceituação que classifica um ente unido por uma identidade que aglomera a população, em oposição ao aspecto fraturado da multidão que, por sua vez, conserva as diversidades e não se transforma numa coisa só. A multidão é plural, mas considera os seus componentes em suas singularidades, sendo esse coletivo de relações que abarcam vários níveis da vida: sociais, afetivos, políticos e econômicos, abrangendo também as integrações pessoais e o mundo do trabalho, transformado consideravelmente pelas alterações nos modos de produção que passaram de um esquema fordista, mecânico para um sistema baseado na produção de comunicação e de relações. Se a multidão não se faz pela unidade nem pela uniformidade, mas trabalha com as diferenças internas, deve encontrar um meio de estabelecer o *comum*, este fator que lhe permite a conexão e possibilita a ação conjunta e colaborativa, e que está presente nas novas formas de trabalho, predominantemente geridas pela informação e sua transmissão a outros indivíduos conectados na rede de produção (HARDT; NEGRI, 2005, p. 14.). Assim, a nova ordem funciona de modo a se utilizar de conhecimentos comuns, produzidos por outros, criando, por sua vez, com o seu esforço laborativo, novos conhecimentos a serem explorados e que funcionam como patrimônio coletivo. Este sistema é inerente às atividades profissionais que lidam com afetos, emoções, ideias, informação, relações. Todo tipo de trabalho conhecido como

111

O termo monstruoso não tem aqui conotação negativa, mas se refere a um processo irrefreável de multiplicação das redes de conexões.

imaterial é concebido como produção biopolítica que expande o *comum*, formando esse acervo coletivo que fundamenta as possibilidades de constituição da democracia (MACEDO, 2010, p. 200. 2010).

Este padrão de construção coletiva, o trabalho da multidão, parece ser o ponto de maturação da mudança política e econômica – com reflexos sociais que se desenvolveram do ponto de vista relacional – e que precisa ser aproveitado pelo ensino, no campo da linguagem, como forma de afirmar verdadeiramente uma possibilidade democrática na circulação de conteúdos e nas possibilidades políticas de ação, na propagação de movimentos libertários e contestatórios. Desta forma, o entendimento do texto como *locus* de diálogo e articulação de vários discursos, de várias diferenças, parece engendrar também esse conteúdo plural e comum, presente nas relações travadas no seio da multidão. Serve de modelo para ambas as situações o tecido, a intrincada rede de vozes que se interceptam e produzem significados novos, ampliando-se no mundo da cultura.

2. A língua portuguesa surfando na Web: leitura e escrita em interação

A proposta de ensino de Língua Portuguesa da UFSB é aproveitar destes recursos tecnológicos disponíveis como aliados no processo de fortalecimento na leitura e na escrita de seus estudantes, ao mesmo tempo em que procura evidenciar as suas subjetividades e suas habilidades de expressão em língua materna. A ideia é inserir os estudantes, através de práticas de leitura e escrita, nas questões sociais, promovendo uma formação para a cidadania, preparando-os para o exercício da democracia. Nesta perspectiva, deve-se pontuar a importância do saber lidar de forma ética com os discursos, tendo-se em conta a quantidade de informações que atravessam as relações sociais. E se não há linguagem fora do âmbito social, então os textos, orais ou escritos, não significam por si só. Os sentidos são construídos pelos atores sociais (escritor-leitor), ou seja, são contextualizados, e isso é definitivo para se situar e pensar os discursos todos que atravessam o cotidiano das pessoas, bem como as circunstâncias de sua produção e interpretação. Neste sentido, é importante saber quem escreve, qual o seu objetivo, meio onde o texto foi publicado e quando foi publicado, a quem se destinava (ROJO, 2009). A percepção destas nuances da linguagem instrumentaliza o estudante-cidadão para ler o mundo em todas as instâncias, meios e gêneros.

De fato, é cada vez mais presente o questionamento dos professores acerca do papel que devem ocupar as mídias nas instituições de ensino e no ensino mesmo, objetivando formar um cidadão capaz de análise crítica em relação às informações que perpassam o cotidiano. E isto encontra a sua razão no fato de que a lógica do “saber é poder” se depara com o fenômeno da informação que, cada vez mais, se coloca como mediador poderoso deste processo de transmissão que hipoteticamente retiraria um sujeito da ignorância, inserindo-o na condição de ciente, na condição de alguém capaz de transitar por muitos discursos. Mas se o discurso é produto das circunstâncias da fala e escrita (quem fala/escreve; a quem se destina; relação entre ambos; condições físicas da relação), então se sabe que é a interação entre as condições discursivas e as realizações intradiscursivas que produzem sentido. Ao mesmo tempo, a informação traz consigo questionamentos relativos à construção de sentidos; natureza do saber e efeito de verdade (CHARAUDEAU, 2013).

A experiência do ensino de Língua portuguesa na UFSB tem se desenvolvido buscando relacionar aprendizagem e produção de sentido, a partir da leitura/escrita de textos em meio digital. Aproveitando a relação texto e contexto, procura-se inserir os estudantes em experiências de leitura e produção textual em redes sociais, oportunizando uma escrita que é afirmação de subjetividade e leituras que tomam contato com outras expressões. A relação, antes professor-aluno, agora se amplia: todos podem escrever e ler tudo e todos. Na lógica da sociedade da informação redefine-se o papel do professor que passa a fazer parte do grupo de educandos. Nesta perspectiva, a classe e o professor integram uma única equipe de trabalho, pois todos ensinam e todos aprendem.

A ideia é preparar os estudantes, para que possam transitar em meio a muitos discursos e nestes meios eletrônicos, onde a comunicação massiva cria os discursos segundo sua perspectiva ideológica, através de textos verbais e não verbais, procurando formar uma opinião sobre um fato, e induzindo a um determinado entendimento. Prioriza-se a formação de um cidadão virtual apto a desafiar o monopólio e a força dos meios de comunicação, fortalecendo-se, assim, as bases da democracia.

Compartilhando com Pierre Levy (LEVY, 1999) a ideia de que o ciberespaço propicia o desenvolvimento de uma inteligência coletiva, e promove a emancipação humana, através das novas possibilidades de acesso a saberes e informações, a equipe docente de Língua Portuguesa se ampara nesta ideia para criar

um espaço virtual de leitura e produção de textos que produz múltiplos aprendizados e o exercício interacional virtual das possibilidades comunicativas.

Neste momento o iletrado digital é o novo ser social sujeito à exclusão pois, caso possa e saiba acessar meios digitais e todas as informações que este canal proporciona, a falta de leitura do mundo acaba por lhe criar uma nova situação de vulnerabilidade. Não resta dúvida que o acesso democratiza a informação, mas o paradoxo se configura em detrimento da dificuldade de uma leitura crítica. Neste sentido, e pensando na língua como interação, o recurso do hipertexto torna o leitor livre dos pré-requisitos da leitura convencional: no ato de ler, o leitor é sujeito ativo, escolhendo percursos, interrompendo fluxos, criando novos textos, novas possibilidades comunicativas, sem dúvida mais próximas da realidade dos estudantes, nativos digitais (na utilização do equipamento, mas não necessariamente preparados para as possibilidades abertas por ele), que se sentem infinitamente mais motivados para viver a sua língua nestes espaços já consagrados pelas suas práticas sociais.

A proposta de ensino de Língua Portuguesa que ora se apresenta é lastreada no Plano Orientador da UFSB¹¹², cujos marcos conceituais, além de Pierry Levy, acima citado, contam com o pensamento de Milton Santos, Boaventura de Sousa Santos, Alain Coulon, Paulo Freire e Anísio Teixeira. Lembro que a Instituição, criada em setembro de 2013, é multicampi, com reitoria em Itabuna e campi na própria Itabuna, em Porto Seguro e Teixeira de Freitas. As aulas começaram em 08/09/2014 e tem-se hoje 780 estudantes, divididos entre os três campi e oito colégios universitários; o sistema de cotas destina nas sedes 55% das vagas aos alunos cotistas, segundo diferentes combinações de critérios, e 85% de vagas nos Colégios Universitários.¹¹³

De Anísio Teixeira, recupera-se a ideia de Universidade Popular, ou seja, um conceito que busca resolver o dilema da ampliação do Ensino Superior sem o comprometimento da qualidade, recorrendo, para tanto, ao uso de tecnologias da informação. Para cumprir o objetivo de fornecer Ensino Superior à região Sul da Bahia, a UFSB, através de aulas metapresenciais transmitidas nos Colégios Universitários, busca encurtar distâncias e facilitar o acesso do estudante trabalhador à Universidade.¹¹⁴

¹¹²

Disponível no site da Instituição: <http://www2.ufsb.edu.br/wp-content/uploads/Plano-Orientador-UFSB-Final1.pdf>

¹¹³

Em 31/10/2015 já são mais de 1400 estudantes.

¹¹⁴

Altera-se, deste modo, o percurso tradicional do ensino: não mais o aluno se dirige à escola, mas também a escola, através das tecnologias da informação, pode ir ao encontro do aluno. Ainda no que tange ao educador baiano, a UFSB retoma o dilema anisiano – formar profissionais ou promover ciência e cultura, optando por formar também cidadãos? Nesse sentido, trata-se de uma universidade política, que toma para si a tarefa de promover a integração social e o desenvolvimento humano, econômico e técnico-científico. Partindo desta proposta, e somando-se a ela a pedagogia da autonomia, de Paulo Freire (FREIRE, 2013, p. 28), que percebe o processo pedagógico como prática ativa de ensino-aprendizagem, na qual o educando é sujeito de seu conhecimento, é parte ativa na pedagogia que tem como meta a libertação e a transformação do ser humano, através da construção coletiva de saberes, processo em que educando e educador aprendem, chega-se a um modelo de Universidade no qual o uso intensivo de tecnologias se torna imprescindível.

O aprendizado é conquista do sujeito no uso de sua autonomia, e, na busca por deste objetivo, o estudante é depositário e, portanto, responsável pelo notebook que lhe confia a Universidade, instrumento fundamental para a sua promoção, e para a construção do seu conhecimento e efetivo cumprimento dos desafios propostos. Que os estudantes não se sintam sozinhos nesta sua caminhada, posto que o ingresso na universidade não deixa de ser um processo etnológico, envolvendo grandes transformações culturais para os estudantes oriundos de classes sociais menos favorecidas. Nesse momento, eles terão que se adaptar às novas regras do ambiente universitário, num verdadeiro processo de aculturação que se procura amenizar através de uma pedagogia da afiliação que dê conta de possibilitar ao sujeito procedente de classes social e politicamente dominadas adquirir a competência de estudante universitário (COULON, 2008). De fato, a interdisciplinaridade é também um recurso que habilita o estudante a estabelecer conexões entre os vários campos do saber, de forma que os componentes curriculares funcionam como eixos integradores e suportes para fornecer a base para novas conquistas. Nesse sentido, durante a formação geral, o estudante, qualquer que seja a sua área, deve frequentar três componentes de Língua

A concepção de Universidade Popular foi desenvolvida por Anísio Teixeira no final dos anos 1940 e era certamente um projeto visionário, pois antecipava a possibilidade futura de meios de comunicação que resolveriam os problemas espaço-tempo. O conceito de Colégio Universitário é a solução para levar a instrução superior às localidades distantes dos grandes centros. Cf. TEIXEIRA, Anísio. Ensino superior no Brasil: análise e interpretação de sua evolução até 1969. Rio de Janeiro: EDUFRRJ, 2005.

Portuguesa, construídos numa perspectiva que correlaciona interdisciplinarmente a língua, a escrita, a sociedade e suas relações com os outros campos do saber.¹¹⁵

O componente curricular inicial - Língua, Território e Sociedade - se articula em módulos que constam de um primeiro momento que compreende o diálogo entre a língua do estudante e a língua da universidade, e de um segundo momento, no qual é trabalhada a afirmação das habilidades de expressão oral em ambiente acadêmico. O segundo componente curricular – Leitura, Escrita e Sociedade – trabalha com estratégia de leitura e produção textual, proporcionando reflexão sobre a língua como instrumento de trabalho social, histórico, estético e cognitivo, através de leitura e interpretação de textos multimodais. A metodologia adotada focaliza a concepção interacional da língua, numa perspectiva em que os sujeitos são atores sociais e, de forma dialógica, constroem e são construídos pelo texto. Finalmente o terceiro Componente Curricular corresponde a oficinas específicas de leitura e produção de textos acadêmicos, desenvolvidas para cada uma das áreas específicas: humanidades, artes, ciências e saúde, estabelecendo-se a leitura e a escrita com viés acadêmico e voltadas para a formação de habilidades em pesquisa. No componente inicial a equipe docente, baseada numa proposta de PBL – aprendizagem por problemas concretos – elaborou uma atividade que possibilitasse uma reflexão sobre a língua, numa perspectiva que contemplasse o questionamento sobre “Quais são as línguas Portuguesas”. É certo que quando se fala em português se está abarcando uma enorme variedade dialetal dentro das fronteiras do Brasil e fora delas, no âmbito da comunidade lusófona, ainda que alguns estudiosos, prefiram separar a nossa língua, reclamando a condição de língua brasileira.¹¹⁶ As abordagens da língua portuguesa em sala de aula objetivam promover a reflexão acerca das variedades linguísticas, percebendo-as dentro de uma mesma língua como uma opção política que visa a aproximar regiões distintas em um mesmo território nacional ou mesmo países distintos, de forma a propiciar que os mais diferentes povos possam compartilhar aspectos identitários e a própria linguagem, espaço comum de experiências e vida NEVES, 2010, p. 19-20).

¹¹⁵ Os estudantes ingressam inicialmente em bacharelados e licenciaturas interdisciplinares, cujos primeiros 3 quadrimestres constituem a formação geral, composta de, dentre outros, 3 componentes curriculares de Língua Portuguesa, cada um visando à promoção de uma competência específica, para depois escolherem, num 2º ciclo, uma formação profissional. A equipe que elaborou o plano pedagógico deste componente curricular inicial em Língua Portuguesa era integrada também pelos seguintes docentes: Ana Cristina Peixoto; Christianne Rochebois; Conceição Aparecida Barbosa; Sergio Barbosa de Cerqueda e Silvia La Regina

¹¹⁶ É o caso, por exemplo, do linguista Marcos Bagno, conhecido defensor da tese pela qual o português brasileiro precisa ser reconhecido como uma nova língua.

Tomou-se como texto motivador o documentário *Língua: vidas em português* (LOPES, 2002), projetando-se os primeiros dez minutos do filme, com o fito de estimular a observação dos estudantes principalmente para o título do documentário e para a dialética do português na fala de cada um dos personagens. Os alunos foram convidados a refletir sobre o papel do Brasil para a língua Portuguesa e a pensar sobre o que diriam se fossem entrevistados para aquele documentário acerca da sua relação com a língua portuguesa. A seguir, eles transformaram esta reflexão em um texto que foi postado no facebook, no grupo do componente curricular Língua, Território e Sociedade. A atividade da aula seguinte consistiu em recuperar os depoimentos dos estudantes que, em grupos, elaboraram um vídeo que sintetizou as visões de língua dos seus componentes, postando-o no facebook logo em seguida. Os resultados desta experiência podem ser vistos nos recortes que seguem, postados em outubro de 2014 pelos estudantes no grupo facebook do Componente Curricular Língua Território e Sociedade do Campus Sosígenes Costa de Porto Seguro (Língua Território e Sociedade -LTS- PS T01) com o assunto “Minha relação com a língua portuguesa”.

Minha relação com a língua portuguesa. Nasci em berço brasileiro, nasci rodeada do português, em casa, na rua, escola, aonde fosse, escutava esta tão bela língua. Quando pequena, mal sabia quanta história essa língua carregava, mas fui aprendendo tudo o que me foi cabível. Cada sotaque, cada expressão, cada forma de se falar, é caracterizada por milhões de histórias, muitas delas inimagináveis, outras, amplamente conhecidas por nós, por mim, por você. Mas, você me pergunta, porque esta língua seria tão bela? Toda sua beleza vem porque nela não existe certo e errado, claro que temos uma gramática, o que seria o padrão. Mas no fim, cada pessoa fala como quer, e todos nos entendemos, independente se moramos na África, América, Europa, Ásia ou Oceania, falamos, somos entendidos. E mesmo com toda a complexidade de sua gramática, as pessoas se comunicam. Independente de sua classe social, qualquer um pode falar português. O português, pra mim, foi o que permitiu comunicar-me, contar a minha história e a cima de tudo é parte da minha história (Emille Rezende).

Que bom é falar as tranças da minha língua, perdido em seus significados me debruço sobre o tabuleiro da baiana, o que vai querer freguês? Acarajé com bastante pimenta, respondo eu. E saboreando o bolinho de feijão vejo minha língua apimentada com a cultura de raças, vejo o gosto do dendê de nossa costa baiana, claro que aqui não se fala como o Sul, poderia? Alias eu não quero falar como o Sul não, falo leve como o balanço das redes, falo retado como o cintilar dos facões, no movimento brusco e ritmado do maculelê. Diversidade é o que não falta em minha língua e cabe mais! Cabe o “delatar” da discriminação, cabe o “chefe” me exigindo tarefas, cabe o “acampar” em mata fechada. Como é bom ver fotos da viagem de minha mãe a Índia, mais especificamente em Gôa, e me deparar com a mesma língua escrita nas paredes, mais do que isso, ver que existe a “Farmácia Felipe Menezes”. Será que por lá vendem as pílulas dadas a Emília do Sítio Do Pica-pau Amarelo? Vou logo falando que não sou dono de farmácia, a mesma deve pertencer a um bom irmão, não é qualquer um que se chama Felipe Menezes (Felipe Feitosa Menezes).

Uma vez imposta há muito tempo ao Brasil, tornou-se tarefa da língua portuguesa registrar histórias, contos, canções, discursos, e promover a construção intelectual de uma quantidade significativa de brasileiros. Considerando-se suas variações, esse é o idioma mais falado em nosso território. Portanto, a ideia de ensinar o português, parte da premissa de que esta seria uma forma de democratizar o acesso a todos os registros citados anteriormente, e possibilitar o diálogo entre moradores de regiões distintas. O português me foi ensinado ainda nas primeiras palavras que ousei proferir, e como o falei desde então! Gosto de ler na minha língua, de ouvir na minha língua, porque ela traduz a fantasia de nossa cultura artística, de nossa musicalidade. Por isso, muito além da minha gratidão por contemplar a exuberante geografia brasileira, está meu apreço pela língua que me permitiu conhecer, contar e escrever histórias (Gabriela Moreira).

Desde pequenos (as) somos ensinados (as) que determinado sonoridade é equivalente a determinado objeto ou ação. Porém essa mesma sonoridade pode ser ambígua, dupla dos sentidos.

Língua portuguesa. A língua úmida que permite o verbo, a fala, que também é língua. Incrível as infinitas interpretações provenientes do jogo, da brincadeira com as palavras e a variedade em que se encontra. Si eu falassi assim todumundu mim entendia. Entende, mas é errado. Mas, se tem um jeito certo de falar? Ora, a norma culta padrão!

Mas, padrão de quem? Quem foi este (a)? Quais foram esses (as) que normatizaram e normatizam essa variação, me permita dizer extinta, em detrimento de um português vivo, acesso, acessível, real? Cadê mainha? Será mais um técnica avançada de colonizador? (Andreza Anjos)

É interessante colher tão ricos depoimentos, resultantes de uma reflexão sobre a língua que demonstra sensibilidade linguística, numa interação alunos-docente-alunos. Os textos produzidos por cada grupo de estudantes, uma vez integrados, transformaram-se em vídeos que foram novamente postados e assistidos pelo grupo que, entusiasticamente, curtiu e produzia comentários, trabalhando, em ambiente virtual, os conteúdos da aula e desenvolvendo uma análise sobre a língua das suas práticas sociais. A atividade, além de proporcionar ao aluno a oportunidade de empreender uma leitura crítica acerca da sua própria língua e do mundo, oferece-se como mecanismo de constituição de subjetividades na condição de produção escrita em meio digital.

Conclusão

O ensino precisa se posicionar de forma a explorar as possibilidades de socialização e compartilhamento de informações dos meios digitais, de modo a produzir um aprendizado partilhado e que fortaleça os instrumentos necessários à produção de discursos e de subjetividades.

Neste sentido, as aulas de português precisam explorar mais este espaço da comunicação eletrônica, tanto no âmbito das leituras como das escritas digitais, como

exercício indispensável à constituição de um sujeito político apto a transitar pela profusão de discursos opiniões, publicidades, exercitando a leitura de mundo também no universo virtual.

A emergência de uma comunicação fluida e veloz, diluindo os tradicionais obstáculos à comunicação humana – tempos, espaço – produz uma integração efetiva, capaz de aproximar culturas, tornando-se também um espaço plural de convívio e troca de informações capazes de produzir uma inteligência coletiva que se coloque como ponto de tensão e resistência, diante da massificação cultural tão fortemente propalada nesta sociedade da informação que produz uma infinidade de discursos a ser rapidamente consumidos pelos “leitores, espectadores e internautas”.

É preciso mesmo trabalhar o que Nestor Canclini (2008) chama de curto-circuito entre, de um lado escola e leitura e, do outro, o mundo das tecnologias visuais, e digitais, pois os saberes e as culturas definitivamente não se encontram apenas nos livros, nem se prendem a uma personalidade autoral, cujo nome se apresenta como um rótulo que confere qualidade e autoridade dentro da ordem dos discursos. As informações estão muito mais acessíveis, mas é preciso saber manuseá-las, sob pena de se emaranhar na teia de ideias, produtos, saberes. É preciso, mais do que nunca, um ensino que atue na convergência da leitura e escrita com a cultura oral e a cultura eletrônica e imagética.

Referências

BAKHTIN, Michael; VOLOSHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1979.

CALVINO, Italo. **Lezioni americane**. Milano: Mondadori, 2000.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Leitores, espectadores e internautas**. Tradução Ana Goldberger. São Paulo: Iluminuras, 2008.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. Tradução. de Angela M. S. Corrêa. 2.ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.

COULON, Alain. **A condição de estudante: a entrada na vida universitária**. Tradução de Georgina Gonçalves dos Santos e Sônia Maria Rocha Sampaio. Salvador: EDUFBA, 2008.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. 51.ed. São Paulo: Cortez, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 46.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Multidão**: guerra e democracia na era do império. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2005.

JAMESON. **Pós-modernismo**: a lógica cultural do capitalismo tardio. Trad. de Maria Elisa Cevalco. São Paulo: Editora Ática, 2002.

KENSKY, Vani Moreira. **Tecnologias e ensino presencial e à distância**. 9.ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1999.

MACEDO, Anne. **Máquina de [re]escrever**: processos de reciclagem cultural da obra metabiográfica de Ana Miranda 2010. 245 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/8559>. Acesso em 01/11/2015.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antonio Carlos. **Hipertexto e gêneros digitais**: novas formas de construção de sentido. São Paulo: Cortez, 2010.

NEGRI, Antonio. **Impero**: Il nuovo ordine della globalizzazione. Traduzione dall'inglese Alessandro Pandolfi. 4. Ed. Milano: BUR, 2007.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Ensino de língua e vivência de linguagem**. São Paulo: contexto, 2010.

ROJO, Roxane. **Letramentos Múltiplos**: escola e inclusão social. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SILVA, Ivanda Maria Martins. Literatura em sala de aula: da teoria literária à prática escolar. In PG Letras 30 anos, 2006, Recife. **Anais**. Recife: UFPE, 2006

UFSB. **Plano Orientador**. Itabuna/Porto Seguro/Teixeira de Freitas, 2014.

VATTIMO, Gianni. **La società trasparente**. Milano: Garzanti, 2007.

VIDAS em Português. Direção Victor Lopes, Produção: Renato Pereira e Suely Weller. Roteiro: Ulysses Nadruz e Victor Lopes. TV zero e SAMBASCOPE , 2002, 105 min.